

# “SEU SILÊNCIO NÃO VAI TE PROTEGER”: A ESCRITA FORASTEIRA DE AUDRE LORDE

## “YOUR SILENCE WILL NOT PROTECT YOU”: THE FOREIGN WRITING OF AUDRE LORDE

Paulo Petronílio  
UNB

**Resumo:** Propõe-se aqui pensar a escrita da feminista negra, poeta, militante e lésbica Audre Lorde (2019), bem como a noção de escrita em Glória Anzaldúa (1980) e ao mesmo tempo tensionar essa escrita autorizada, branca, eurocentrada e legitimada numa sociedade patriarcal e lesbofóbica. A forasteira traz a poesia, a diáspora e a raiva como máquinas de guerra contra toda forma de opressão e emancipação do povo preto, pois segundo ela, é preciso transformar o silêncio em linguagem e em ação, uma vez que o silêncio não vai nos proteger.

**Palavras-chave:** Escrita de si. Audre Lorde. Poesia. Raiva. Diáspora.

*Abstract:* It is proposed here to think about the writing of the black feminist, poet, activist and lesbian Audre Lorde (2019), as well as the notion of writing in Glória Anzaldúa (1980) and at the same time to stress this authoritative, white, euro-centered and legitimized writing in a patriarchal and lesbophobic society. The outsider brings poetry, diaspora and anger as war machines against all forms of pressure and emancipation of the black people, because according to her, it is necessary to transform silence into language and action, since silence will not protect.

**Keywords:** Self writing. Audre Lorde. Poetry. Anger. Diaspora.

### Palavras iniciais

A escrita de si é a forma mais potente de descolonizar o eu, o sujeito e a subjetividade. É através da escrita de si que a negritude ergue a sua voz e se mostra como sujeito e sujeita no mundo. É o modo de rompermos com o silêncio ao transformá-lo em linguagem e em ação. Várias feministas negras fizeram da escrita sua máquina de guerra contra a opressão, o silenciamento, a invisibilidade e a desumanização. Com elas aprendi, enquanto negro, a erguer a minha voz e me mostrar no mundo. A partir daí, pude compor uma escrita marcada pela subjetividade a partir da minha pele. Pude, a partir da minha ancestralidade, me posicionar como sujeito negro nesse mundo que nos animaliza, nos bestializa e nos retira do projeto de humanidade.

O que se propõe aqui é trazer a escrita de si negra e emancipatória da forasteira, feminista,

militante, lésbica e negra Audre Lorde, falecida em 19 de novembro 1992, pensadora e poeta que se intitulou *outsider*. Como sabemos, o campo da crítica literária se legitimou a partir de uma crítica canônica, de uma visão eurocêntrica, de supremacia branca e que se tornou hegemônico no mundo. Desse modo, ao perpetuar o centro como legítimo, desautoriza a escrita subalterna, colocando-a nas margens, invisibilizando-a e desumanizando os sujeitos pretos.

O objetivo é pensar seu conceito de escrita e poesia entrelaçada à sua experiência como mulher da diáspora, tendo como horizonte esse olhar arrebatador, forasteiro, emancipador, seu feminismo negro indivisível e o modo como Audre Lorde pensa e faz uso da raiva como estratégia para enfrentar o racismo.

De fato, existe um discurso autorizado que impede com que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e reconhecidas como humanas. Portanto, para que o povo preto se emancipe, é necessário enegrecer a literatura, borrar e criar fissuras no discurso de supremacia branca e mostrar outras formas de ver o mundo a partir dos sujeitos que foram silenciados, bestializados e apagados da história e da cultura. Foi o que nos ensinou a feminista Glória Anzaldúa: “A escrita é uma ferramenta para adentrar esse mistério, mas também nos protege, nos dá uma margem de distância, nos ajuda a sobreviver (ANZALDÚA, 2021, p. 53).

Pensar uma escrita emancipatória significa, a priori, ampliar a nossa semântica discursiva, descolonizar a escrita, trazer a discussão do feminismo negro que pavimentou todo esse terreno de emancipação do povo preto que anunciou e enunciou o lugar social de fala dos sujeitos subalternizados pela cultura e promover fortes rachaduras no que consideramos como literatura canônica para buscarmos de fato a humanização e a reparação correta da escrita preta que sempre foi apagada da história e não legitimada como conhecimento.

A escrita das feministas negras e de mulheres forasteiras como as de Audre Lorde são escritas de (r)existências em um tempo que tentam apagar e deslegitimar a nossa história e com isso, nos desumaniza enquanto sujeitos pretos.

Trago aqui o pensamento negro de Audre Lorde que se declarava uma mulher indivisível, uma vez que a partir de sua escrita interseccionam vários marcadores sociais da diferença e para ela “não existe hierarquia de opressão”.

Aqui trarei uma análise de textos curtos da autora que compõem dois livros: *Sou sua irmã: escritos reunidos*, e *Irmã Outsider, especificamente seu texto a poesia não é um luxo, de 1977 e a transformação do silêncio em linguagem e em ação, também de 1977*. Seus livros compõem um conjunto de textos nos quais a autora traz várias questões acerca da palavra, da escrita e da poesia em sua vida.

Em vários escritos essa feminista se intitula *outsider*, a forasteira e se posiciona como a nossa irmã, apesar de viver momentos em que ela tem a impressão de ser negada e se tornar invisível, inclusive, para as mulheres negras. Para essa conversa com Lorde trago as reflexões acerca da escrita em Glória Anzaldúa (2021), feminista lésbica e estudiosa norte-americana da teoria cultural chicana, que pensou o feminismo a partir de uma consciência mestiça e fronteira. Esses olhares sensíveis as colocam diante de indagações acerca da relação de si mesmas com outras mulheres negras feridas

e marcadas pelas opressões e como elas reagem umas com as outras, internalizando nelas o ódio e a raiva. Tomada pelo afeto da raiva, elas mostram-nos cenas de como o racismo cotidiano vai operando na sociedade e nas relações marcadas pelo poder/saber.

Sem dúvidas o feminismo negro pavimentou todo um caminho para que possamos pensar e tensionar essa escrita eurocêntrica. As feministas afro-americanas como Audre Lorde (2019) e na mesma época Lélia Gonzalez (2018) no Brasil, na década de 70 já tensionavam o discursivo autorizado e ousaram escrever e se envolverem numa potente batalha discursiva, mostrando a necessidade de nos humanizarmos através de nosso lugar social e político de fala. A chicana Glória Anzaldúa foi uma das feministas que trouxe a problemática da escrita e nos motivou a pensá-la como emancipação do povo preto, trazendo a fronteira como dispositivo diaspórico.

É necessário dizer que escreverei esse texto a partir de meu lugar de crítico negro e gay. Importante salientar esse lugar social e político de fala acerca dessa leitura e interpretação principalmente para que possamos, politicamente, enegrecer a crítica. Nesse caso, é um homem negro gay lendo e interpretando uma mulher negra e lésbica e trazendo outras mulheres negras para a conversa. Digo isso por que, como crítico, não posso separar meu olhar de minha subjetividade, daquilo que me constitui. Minha experiência como crítico não se separa da minha subjetividade que carrega, por sua vez, mais de uma opressão em sua corporeidade, tal como nos ensinou o ancestral Abdias do Nascimento ao dizer:

Quando a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico cultural a que pertencço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define (NASCIMENTO, 2017, p. 47).

É necessário deixar claro nesse sentido aqui o que a ancestral Glória Anzaldúa nos encorajou a escrever a partir de nós mesmos:

Quem nos deu permissão para encenar o ato da escrita? Por que a escrita parece tão desnatural pra mim? Vou fazer qualquer coisa para adiá-la-esvaziar a lixeira, atender o telefone. A voz recorrente aqui dentro: Quem sou eu, uma pobre chicanita da roça, pra pensar que poderia escrever? Como ousei sequer me tornar uma escritora enquanto me agachava nos campos de tomate, curvando, curvando sob o sol quente, mãos grossas e calejadas não feitas pra segurar a pena, entorpecida num estupor animal com o calor (ANZALDÚA, 2021, p.46).

Foi o que nos ensinou Grada Kilomba (2019), a importância de nos tornarmos sujeitos da nossa história, romper a máscara do silêncio e erguer a nossa voz, como bem lembrou Bell Hooks (2019). Todos esses atos de romper com o silêncio, transformando-o em linguagem e em ação estão ligados ao processo de emancipação e empoderamento de todos nós, subalternizados pelo saber/poder hegemônico, pois, como bem salientou Lorde, “Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você” (LORDE, 2019, p.52). Escrever, nesse caso, para a militante negra e lésbica Audre Lorde, é a forma mais corajosa e atrevida de tentar romper com o silêncio.

No entanto, não interessa aqui nenhuma transcendência. Esse modo de assumir a escrita, de correr o risco e colocar a sua subjetividade atrelada ao fazer e ao pensar epistemológico é a grande máxima de sua escrita e de seu pensamento. Desse modo, não se descoloniza o eu, sem enfrentar a si mesmo, sem se colocar como sujeito e como problema no mundo. É uma luta de si consigo e contra si mesmo.

Metodologicamente este texto desenha-se como análise crítica da narrativa da feminista interseccional. Nesse sentido, farei uma dança entre Audre Lorde e Glória Anzaldúa, pois essas duas mulheres colocam a questão da escrita como forma política e de resistência. Audre Lorde (2019) propôs sua visão de mulher “forasteira”, poeta, lésbica e militante e Anzaldúa (1980; 2021), por sua vez, teve a “fronteira” e a escrita como forma de pensar a sua condição diaspórica no mundo.

Para esse movimento, essa escrita se estrutura em três momentos centrais que se interconectam. O primeiro intitula-se de “A escrita de si de uma forasteira” e aqui apresento a autora e trago a discussão central do texto, pois a escrita não se separa de sua subjetividade enquanto mulher negra e lésbica. O segundo momento, “A poesia não é um luxo”, abordo o conceito de poesia da feminista negra, seguido de “Escrever sobre a raiva”, trata-se de uma análise cuidadosa dessa escrita sobre a raiva enquanto afeto.

### **A escrita de si de uma forasteira**

Audre Lorde é uma feminista negra lésbica americana que faleceu em 1992 e deixou vários escritos entre poemas e textos críticos, que as vezes se interpenetram e se confundem em suas obras. Para ela, escrever é um processo que extravasa toda matéria vivível e visível. Audre Lorde faz da escrita uma matéria da vida ou da vida uma matéria de escrita. A problemática da escrita tem um lugar central não somente em Audre Lorde como em boa parte das feministas negras, pois ao escrever elas se humanizam e se emancipam como mulheres subalternas.

Ensinou-nos Glória Anzaldúa ao escrever uma carta aberta em 21 de maio de 1980, intitulada “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Ela encorajou-nos a falar em línguas como os loucos, uma vez que a mulher de cor é invisível no mundo dominante feminista das mulheres brancas. Segundo ela, a mulher lésbica de cor não é apenas invisível, ela não existe, além do seu discurso não ser ouvido. Diz a feminista da fronteira:

Como atrevemos sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? (...) mesmo enquanto escrevo isto, me sinto perturbada porque sou a única escritora mulher do terceiro mundo neste livro” (...). Por que sou levada a escrever? Por que a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Por que devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesmo também. Por que o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo por que a vida não aplaca meus apetites e minha fome (ANZALDÚA, 1980, p. 231-2).

Quando questiona o ato de escrever, Anzaldúa aproxima de Audre Lorde, pois esse ato da escrita que empodera a mulher negra é um gesto mais atrevido, uma vez que a mulher preta quando escreve, tem poder e quando tem poder ela é temida. Escrever é mais que um ato de existência. É uma questão de vida, pois a ao escrever, as feministas negras aplacam os apetites de sua fome: fome pela visibilidade e pela humanidade, ou seja, elas não têm escolhas. Pontua Audre Lorde acerca da escrita:

Escrevo sobretudo para aquelas mulheres que não falam, que não verbalizam, por que elas, nós, estamos aterrorizadas, porque fomos ensinadas a respeitar mais o medo que a nós mesmas. Fomos ensinadas a respeitar nossos medos, mas devemos aprender a nos respeitar e a respeitar nossas necessidades (LORDE, 2020, p.79).

Ora, independente do gênero ou da classe social que ocupamos, o racismo nos constitui e nos atravessa. Se não existe hierarquia de opressão, como pretendeu Audre Lorde, todos nós, mulheres negras, héteros negros e gays negros estamos lutando, de certo modo, contra opressões, pois, por mais que sejamos gays ou heterossexuais, continuamos negros, ou seja, o racismo faz parte da nossa construção imagética, estética, visual e performática.

As feministas negras, sobretudo as lésbicas pavimentaram os nossos caminhos. Os gays negros, bixas pretas existem e reexistem nessa trilha do feminismo negro e lésbico. Temos que reconhecer e caminhar juntos, assim como nossos passos já vinham desde o movimento de mulheres negras e o movimento negro. Acrescenta-nos Audre Lorde:

Escrevo por mim. Escrevo por mim e por meus filhos e pelas pessoas que eventualmente possam me ler. Quando digo por mim, não me refiro apenas a Audre Lorde que habita este corpo, mas a todas aquelas *mulheres negras, belas, bravas e incorrigíveis* que insistem em se levantar e dizer *eu sou* e você não pode me apagar, não importa quão irritante eu seja (LORDE, 2020, p.87-grifos da autora).

Em outras palavras, a problemática da linguagem e da escrita perpassa toda escrita de Audre Lorde. A autora escreve por ela, pelos seus filhos e quando ela diz que escreve por ela não se trata de uma vida singular, que habita um corpo singular no mundo, mas ela dirige a todas as mulheres negras, bravas, belas e incorrigíveis, ou seja, existe toda uma multiplicidade que pensa e vibra em sua corporeidade quando pensa, vive e age no mundo.

Por isso a sua escrita atrevida e forasteira é política e revolucionária. Se hoje, nós, gays e negros estamos buscando trincheiras para falar a partir de nós, é porque o movimento de mulheres e o feminismo negro pavimentaram esse caminho, nos motivaram a erguer a nossa voz e a romper com a tradição de silêncio.

O gay negro e o homem heterossexual perdem a sua humanidade no mesmo plano: da cor e são atacados, desautorizados, invisibilizados, desumanizados e morrem pela cor. Quer queira quer não a humanidade de ambos é colocada em xeque. São ambos cabeças sem mente, não guardiães da

faculdade de pensar, aliás nem da faculdade e nem do pensar, pois ambas as expressões “faculdade” e “pensar” são construtos do poder, da hegemonia, da branquitude. Por isso a Universidade não deixa de ser um lugar segregador, violento, opressor e racista.

Ora se sempre existiu uma batalha entre o homem branco e o homem preto, existe também entre o homem negro com outro homem negro e mais ainda entre homem negro e gay negro. Não é somente uma batalha discursiva: é batalha de vida, de morte, uma batalha identitária e de humanidade. É uma batalha de poder/saber. Se a nossa sociedade é hierarquicamente pensada a partir das relações de poder e de saber, não será diferente entre os corpos pretos uns com os outros e acima de tudo em relação aos corpos pretos heterossexuais.

Porque nos sentimos “forasteiros de dentro?” A feminista negra Patrícia Hill Collins vem desenvolvendo essa ideia ao dar uma significação sociológica ao pensamento feminista negro. Segundo ela, ampliar o debate acerca da interseccionalidade, do poder de autodefinição é essencial para a política do empoderamento e para a luta antirracista.

Ao trazer o pensamento de Lorde, Hill Collins aponta a voz de sua resistência contra a matriz de dominação. “Audre Lorde fala da importância que a expressão da voz individual pode ter para a autoafirmação no contexto coletivo das comunidades de mulheres negras” (COLLINS, 2019, p.190), diz Collins, e com isso, aprender a falar com uma voz única e autêntica. Desse modo, essas mulheres propõem uma política do empoderamento e para isso é necessário erguermos a nossa voz, rompermos com o silêncio e transformá-lo em linguagem e em ação.

Ainda insistimos acerca dos que nos incomoda enquanto irmãos negros. Será inferioridade quando deparamos com um negro ocupando uma posição social melhor e não nos vemos naquele corpo? Talvez a raiva da feminista Audre Lorde seja também um pouco dessa raiva que sentimos de nós mesmos e tentamos projetar no outro:

Não amamos a nós mesmas, por isso não podemos amar uma à outra. Por que vemos no rosto da outra o nosso próprio rosto, o rosto que nunca deixamos de querer. Por que sobrevivemos, e sobreviver gera o desejo por mais de si. Um rosto que nunca deixamos de querer, ao mesmo tempo que tentamos destruir (LORDE, 2019, p. 195).

Audre Lorde traz algo que é muito comum entre nós negros gays, pois no fundo temos uma raiva que foi construída em nós e que externalizamos justamente no momento em que deparo comigo mesmo, ou seja, quando o outro se duplica na minha frente. Esse meu rosto, essa minha cor que não foi me ensinado a gostar ou a achar boniteza alguma:

O perigo do escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do interior, nossa história, nossa história, nossa economia e nossa visão. (...) Escrever é perigoso por que temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, por que uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (ANZALDÚA, 1980, p. 233-4).

O ato de escrever é um ato perigoso, pois enfrentamos nossos demônios e a nossa desordem interior. Para Anzaldúa, temos o medo do que é revelado no ato da escrita, nossos medos e raivas. Mas é preciso escrever pois escrevendo temos poder e aos termos poder, somos temidos. Escrever, nesse caso, é um ato de atrevimento e não é um luxo. É um ato de coragem e resistência. E a poesia, o que é? Qual o estatuto da escrita poética? De que forma podemos propor a emancipação através da escrita poética? Essa será a nossa próxima travessia.

### **A poesia não é um luxo!**

Ora, de que forma podemos fazer da escrita um ato de resistência? Em que sentido a poesia não é um luxo para Audre Lorde? É importante entendermos que Audre Lorde teve uma relação muito estreita com a arte, especificamente com a poesia, em seu clássico texto “a poesia não é um luxo”.

Ao dizer que “a poesia não é um luxo” ela critica, de certo modo, essa maneira ocidental que uns críticos aprenderam a olhar a poesia como algo romantizado ou no plano do sentimental. Mais que isso, a poesia é a máquina de guerra contra a opressão, a invisibilidade, a desumanização da mulher negra e, no caso de Audre Lorde, contra a lesbofobia.

A poesia é um ato político e, no entanto, de resistência. A autora fala de um tipo de luz sob a qual examinamos a nossa vida e afeta, de certo modo, outras vidas. Lorde encara a poesia como iluminação:

Trata-se da poesia como iluminação, pois é através da poesia que damos nome àquelas ideias que-antes do poema-não têm nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão (LORDE, 2019, p. 45).

A poesia trazida por Lorde assim como o ato de escrever não se separa de sua vida. Em sua escrita turbilhoadora dos vivos e inquietante, a poesia é uma espécie de destilação da experiência e que faz, segundo ela, nascer o conceito. A poesia antecede o ato de compreender, uma vez que a compreensão é sintoma da racionalidade. Audre Lorde chega a dizer o que existe de sombrio em cada mulher:

Dentro de cada uma de nós mulheres existe um lugar sombrio onde cresce, oculto, e de onde emerge nosso verdadeiro espírito, belo/e resistente como castanha/pilares se opondo ao (seu) nosso pesadelo de fraqueza e de impotência (LORDE, 2019, p. 46).

Em Audre Lorde existe um lado sombrio que povoa a existência da mulher. Mas existe uma política da resistência em seu modo de ver a vida. No entanto, ela, com sua escrita arrebatadora, encara a poesia-experiência e seu processo de subjetivação que a atravessa e a afeta como mulher,

negra e lésbica. Relata-nos:

Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chama de poesia afim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento. Para mulheres, então, **a poesia não é um luxo**. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivências e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos de nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (LORDE, 2019, p. 46-7-grifos meus).

No entanto, Audre Lorde, com sua escrita afiada, denuncia que a poesia não é um luxo, ou seja, não é privilégio da branquidade e muito menos da elite que ainda romantiza e universaliza a poesia. A poesia para ela é uma necessidade vital da existência, pois segundo ela, cria uma luz e é a partir dessa iluminação poética que se cria os sonhos e a esperança, que se transmuta por sua vez como ideia e como ação. Ou seja, para ela poesia é ideia, mas é acima de tudo, ação. Tem um caráter político na poesia, pois para ela é na poesia que recorremos para nomear o mundo e nomear, certamente, aquilo que ainda não tem nome.

A poesia é, para ela, matéria vertente, matéria vivida que emerge dos subterrâneos da experiência. Poesia nesse caso não é algo abstrato, sobrenatural, metafísico, mas é algo que acontece na ação, na vida. Onde existe vida, existe poesia. E onde existe poesia, existe linguagem:

E, onde não existe ainda essa linguagem, é a poesia que ajuda a moldá-la. A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu (LORDE, 2019, p.47).

No entanto, a poesia molda a linguagem. Não é a linguagem que molda a poesia. A poesia não é algo do sonho ou da imaginação simplesmente. Mais ainda, diz ela, é esqueleto que estrutura a vida. Ela estabelece os alicerces que sentimos. A escrita poética de Audre lorde não se separa do ato de escrever, pois falando de si, se liberta. E Audre Lorde encontrou na escrita poética a sua liberdade. A poesia para ela é linguagem e é ação. Pensar e lutar politicamente para Audre Lorde, significa transformar o silêncio em linguagem e em ação:

Cada uma de nós está aqui hoje, por que, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e como ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2019, p.54).

Esse tom da escrita poética de Audre Lorde a coloca como crítica, pensadora e ao mesmo tempo como poeta. Isso faz dela uma forasteira, uma mulher que habita um não lugar ou um entre lugar. Ela ressignifica e pensa a linguagem e o modo como ela transborda na poesia. Poetar não a se separa da linguagem como a poesia não se separa da vida encarnada:

Então não posso separar minha vida e minha poesia. Escrevo minha vida e vivo o meu trabalho. E encontro verdades que espero sejam capazes de alcançar outras mulheres, de levar riqueza, além das diferenças em nossas trajetórias, as diferenças no amor, no trabalho (LORDE, 2020, p. 88).

Dito de outro modo, poesia e vida estão intimamente ligados e sua força poética acontece quando essa assume sua responsabilidade para atingir outras mulheres e transformar todas que estão em sua volta:

Sinto responsabilidade por mim, por aquelas pessoas que podem ler, sentir e precisam do que tenho a dizer, e também pelos homens e pelas mulheres que me procuram. No entanto, penso sobretudo na minha responsabilidade com as mulheres (LORDE, 2020, p. 87).

No entanto, Lorde fala da sua responsabilidade como escritora. Transformar o silêncio em linguagem e em ação é a máxima da feminista negra que se declarava indivisível é fundamental para que possamos romper com tradição de silêncio, uma vez que como ela mesma dizia incansavelmente, “o silêncio não vai te proteger.” E a escrita é, de certo modo, a maneira mais potente e legítima de lutar pela plena emancipação e romper com a tradição de silêncio. E foi, a partir da escrita de si enquanto uma mulher raivosa que Audre Lorde começou a romper com o silêncio.

### **Escrever a raiva**

Como escrever a raiva e a poesia? O pode a poesia fazer acontecer? O que comunica a poesia? O que é um escritor e qual sua função pedagógica? Em que sentido podemos pensar a poeta como professora, a humana como poeta e a professora como humana? Audre Lorde, com sua escrita poética, toca o fígado de seu leitor. Sua crítica é poesia. Seu olhar crítico e teórico extrapola a noção clássica de crítica e faz emergir a poesia. Ela pensa o lugar do escritor:

Um escritor é, por definição, um professor. Ainda que eu nunca mais venha a dar aula, cada poema que escrevi é um esforço de compor um fragmento de verdade baseado em imagens da minha experiência e compartilhá-la com o maior número de pessoas que possam me ouvir hoje e no futuro. Dessa forma, todo poema que escrevo é, além de tudo, uma ferramenta de aprendizagem (LORDE, 2020, p.103-4).

Para ela, o escritor é um professor, pois cada poema é um empenho em compor uma certa verdade criada a partir de imagens da própria experiência pessoal. A Poesia tem um caráter

pedagógico na medida em que, segundo ela, transforma-se em uma ferramenta de aprendizagem. Acrescenta-nos:

Sou sim ser humano. Sou uma mulher negra, uma poeta, mãe, amante, professora, amiga, gorda, tímida, generosa, leal, irritável. Se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência. Se não trago tudo o que sou para vocês, aqui, esta noite, falando sobre o que sinto, sobre o que sei, então cometo uma injustiça. O que puderem usar, levem com vocês; o que não puderem, deixem pra lá (LORDE, 2020, p. 104).

Ora, esse poder de dizer e se considerar uma mulher indivisível atravessada por uma multiplicidade de opressões, Audre Lorde mostra-nos seu lado professora-poeta que não separa, por sua vez, da mulher negra, mãe, lésbica, gorda, tímida, generosa, leal e irritável. Ela não teve medo de se mostrar e revelar tudo o que é para nós, pois para ela, essa revelação do mais íntimo de si mesma tem apenas não somente um caráter político, como tem um também caráter de aprendizagem, pois segundo ela, se não trouxer essa faceta arrebatadora que verdadeiramente sente, comete uma injustiça. A pensadora da fronteira Glória Anzaldúa inspira-nos a enfrentar essa batalha discursiva que é a escrita de si como emancipação:

A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé do Estado (ANZALDÚA, 1980, p. 232).

No entanto, escrever não é meramente emitir palavras, pois envolve penetrar no mistério, naquilo que nos protege e nos ajuda a sobreviver, mas ela questiona aquelas que não conseguem sobreviver e se libertar através da escrita:

O ato de escrever é um ato de criar alma, alquimia. É uma busca de um eu, ao centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro”-o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto (ANZALDÚA, 1980, p.232).

Nesse sentido, escrever envolve um certo envolvimento, ou seja, criar alma, alquimia em uma busca constante de si. Mas a escrita também é o lugar para se descarregar a vida e revelar todos os afetos. A raiva foi o afeto que Audre Lorde mostrou:

Minha raiva de mulher negra é um lago de lava que está no meu cerne, o segredo que guardei de modo mais intenso. Eu sei o quanto da minha vida como mulher de sentimentos poderosos está emaranhado nessa rede de fúria. Ela é um fio elétrico entrelaçado em cada tapeçaria emocional em que coloco o que há de

essencial na minha vida-uma fonte quente e borbulhante que pode entrar em erupção numa paisagem (LORDE, 2019, p. 183).

Ao canalizar essa raiva como afeto, Lorde, essa “mulher de sentimentos poderosos”, se transforma num fio elétrico, borbulhante e que pode entrar, a qualquer momento, em erupção, pois sua raiva de mulher negra é uma espécie de lago de lava. Desse modo, é claro que Lorde tem a raiva como afeto diante das mulheres de cor. Talvez possamos pensar o que de fato nos separa enquanto corpos pretos e, a partir daí, reorientar nossos corações e nossos sentimentos diante dos irmãos e percebermos que todos nós somos construídos dessa maquinaria que é o poder que fábrica o racismo e nos coloca uns raivosos e odiosos diante do outro, pois a falta de amor entre nós e a nossa cor, será sempre destrutivo e essa destruição não será boa para ninguém. Audre Lorde questiona porque essa raiva se manifesta mais claramente contra outras mulheres negras? Eis a pergunta que nós negros temos que fazer uns com os outros. Desse modo, diz Audre Lorde:

Começaremos a enxergar umas às outras quando ousarmos começar a enxergar a nós mesmas; começaremos a enxergar a nós mesmas quando começarmos a enxergar umas às outras, sem enaltecimento, sem rejeição ou recriminação sendo pacientes e compreensivas quando não obtivermos sucesso, e reconhecendo e apreciando quando obtivermos (LORDE, 2019, p. 215).

A capacidade de ver-se para ver o outro e reconhecer no outro a sua irmandade é a máxima de Audre Lorde. Nesse caso, a revolta que ela reflete em torno de outro corpo preto, é revolta que tem de si mesmo. Mas quando ele se liberta dessa construção social e capitalística, que é o racismo estrutural e ela passa a se admirar e não mais cultuar a branquidade, ela passa a ter uma consciência preta e passa a ter aversão não mais pela sua irmã, pois reconhece nela toda fragilidade que compõe sua existência, mas passa a ter raiva da mulher branca e, no caso, nós gays negros, do homem branco.

Isso é consciência preta. É fato que se vivo numa sociedade patriarcal e de supremacia branca em que desde pequeno vejo e cultivo a branquidade em todas as formas: vestir, falar, pensar, dificilmente irei ver o negro uma vez que já está fadado a ser o condenado dessa terra? Talvez tenhamos a resposta, mas continuamos em silêncio e romper com ele é a nossa maior dificuldade:

A raiva com que encaro qualquer mulher negra que não corresponda minimamente aos meus desejos, às minhas necessidades imediatas ou à minha ideia do que seja uma reação adequada é uma raiva profunda e nociva, escolhida apenas com base no desespero-inconsequente em virtude do desespero (LORDE, 2019, p. 193).

De todo modo, a raiva ou ódio não vão curar as nossas dores. Vai no máximo vai nos distanciar em momentos em que precisamos estar mais juntos e antes de deixarmos qualquer sentimento tomar conta de nossos corações, questionar. Por que sinto raiva? Por que não o vejo, não o abraço outro homem negro sendo que é meu irmão? Isso é saudável, é pedagógico. É preciso reconhecer que o que nos une é mais forte do que o que nos separa. O que nos separa afinal?

O poder, o capitalismo, o saber hegemônico, o imperialismo, o discurso autorizado, ou seja, se estamos nas margens, alguém desfruta do privilégio do centro.

Este relato raivoso feito pela Audre Lorde talvez dê conta de dizer o que sentimos, nós negros quando nos encontramos. A impressão que se tem é que nascemos no mundo para estarmos sempre diante de um abismo ou muro que nos separa e impossibilita nos vermos, nos olharmos, nos sentirmos. Nos vemos tanto um no outro que não nos vemos. Sou tão invisível que não o vejo, pois a vida toda nunca me vi como humano no mundo:

Estou na biblioteca pública esperando ser reconhecida pela funcionária negra sentada atrás da mesa a quase um metro de distância. Ela parece absorta em um livro, linda em toda a sua juventude e autoconfiança. Ajeito meus óculos e sacudo levemente as pulseiras para o caso de ela não ter me visto, mas, de alguma forma eu sei que ela me viu. Quase sem se mover, ela lentamente vira a cabeça e olha para cima. Seus olhos cruzam com os meus com uma hostilidade tão fortuita que eu me sinto como se exposta num pelourinho. Dois homens surgem atrás de mim. Nesse momento, ela se levanta e se aproxima deles. “Pois não?”, ela diz, sem nenhuma inflexão, desviando a vista de mim cuidadosamente. Nunca vi essa mulher na minha vida. “Isso é o que chamo de grosseria”, penso, percebendo a crescente tensão dentro de mim (...) O que faz os olhos dela se desviarem dos meus? O que ela vê que a enfurece tanto, a enraivece tanto ou lhe provoca tanta aversão? por que sinto vontade de quebrar a cara dela quando ela não me olha nos olhos? Por que ela tem a cara da minha irmã? A boca da minha filha, curvada, prestes a umedecer os lábios? Os olhos de uma amante rejeitada e furiosa. Por que eu sonho que a embalo você à noite? Divido partes do seu corpo entre as tigelas de comida dos meus animais de que menos gosto? Passo noites terríveis, uma após a outra fazendo vigília por você, pensando? Ah, irmã, onde está aquela terra fértil e sombria por onde gostaríamos de caminhar juntas? (LORDE, 2019, p. 193-4).

Esse relato de Audre Lorde mostra não somente a solidão que a mulher negra ocupa na sociedade, como também a solidão que nós gays negros enfrentamos. Mais que isso, é uma invisibilidade e desumanização que sempre existiu em torno de nossos corpos pretos. *A u d r e* mostra toda sua dor diante do racismo existente entre ela e sua irmã, pois é partir dessa invisibilidade entre seus pares que faz com que ela se desumanize e se torne uma pessoa invisível. Dito de outra maneira, Lorde fez da raiva sua maior aliada para combater o racismo.

### **Considerações finais**

Propôs-se aqui pensar a feminista, poeta e lésbica negra Audre Lorde, uma mulher de sentimentos poderosos que fez da escrita de si raivosa sua máquina de guerra contra toda forma de opressão e, junto com ela, a chicana Glória Anzaldúa com sua concepção de escrita, pois essas duas mulheres colocaram a questão da escrita de si como forma política e de resistência e fizeram dela um espaço de emancipação.

O objetivo foi pensar o conceito de poesia a partir dessa escrita arrebatadora, forasteira, emancipadora, seu feminismo negro indivisível, o modo como ela pensa e faz uso da raiva encarando-a como forma de enfrentar o racismo, trazendo a potência da poesia e o que ela faz acontecer, pois a poetisa vê a poesia como forma de destilação humana.

O trabalho foi abordado em quatro momentos que se conectam, onde no primeiro momento apresentei a escrita forasteira de Audre Lorde, seguidamente de sua poesia e sua forma de encarar a raiva como estratégia para responder ao racismo. Mais adiante trouxe a discussão da escrita e da diáspora como afirmação da diferença, no diálogo com o feminismo negro.

Desse modo, ao se considerar a forasteira, Audre Lorde se percebia como uma mulher indivisível. Ao perceber o racismo, experimentou a dor, a solidão, a raiva e encontrou na poesia sua aliada ao fazer da linguagem a sua guarida poética. Poetizou a teoria e teorizou a poesia. Uniu erotismo, poder, poesia e linguagem sempre conectada à sua vida. Se liberta quando falamos de nós e nos posicionamos enquanto sujeitos. Aqui escrita é emancipatória quando nos problematizamos no mundo. Ensina-nos:

Escrevo para registrar o que outros apagam quando eu falo, para reescrever as histórias mal escritas que eles contaram de mim, de você. Para ficar mais íntima comigo mesma e contigo. Pra me descobrir, pra me preservar, pra me fazer, pra ter autonomia. Pra mostrar que eu posso e que eu vou escrever, mesmo que me ameacem para não escrever. E vou escrever sobre as imencionáveis, sem me importar com o suspiro ultrajado a censura e do público. E, por fim, eu escrevo por que tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever. (ANZALDÚA, 2021, p.52).

Por fim, questionamos, porque escrevemos? Escrevemos para ficarmos mais íntimos de nós mesmos e reescrevermos a nossa história. Escrevo para eu me redescobri, me preservar e ter autonomia sobre mim mesmo no mundo. Escrevemos para encontrarmos algo familiar em casa. Escrevemos, sobretudo, para contarmos a nossa história por nós mesmos, pois como bem nos ensinou Abdias do nascimento, “Ainda está por ser escrita a história das lutas do homem negro brasileiro para garantir a sobrevivência, liberdade e dignidade de ser humano”. (NASCIMENTO,1982, p.49). Por fim, escrevemos sobretudo, para estranhar o óbvio e sacudir as evidências e estranhar o familiar. Escrevemos para aproximarmos de nós mesmos.

Ela é uma mulher que pensa a natureza da responsabilidade e da autodefinição. Poesia e autodefinição estão intimamente ligadas, pois para ela, a poesia é a maneira mais complexa de se autodefinir. Dito de outro modo, escrevemos porque tentamos comunicar com o mundo para não ficarmos calados, pois, como bem lembrou Audre Lorde (2019), “o seu silêncio não vai te proteger” e, continua ela, “o peso do silêncio nos sufocará”.

Portanto, somente haverá um pleno processo de emancipação enquanto sujeitos da diáspora, quando nós, o povo preto tiver a coragem de usar a escrita para contar a sua própria história, pois falando de si, se libertará.

## Referências

ANZALDÚA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Carta Aberta, 1980.

ANZALDÚA, Glória. *A Vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Editora A Bolha, 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódio de um racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. BH: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*; organizado e apresentado por Djamilia Ribeiro; traduzido por Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LORDE, Audre. *Entre nós mesmas: poemas reunidos*. Tradução de Tatiana Nascimento, Valéria Lima; prefácio Cidinha da Silva. RJ: Boitempo, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1reimp. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. *O Negro revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

**Paulo Petronílio**

---

Pós-Doutorado em Teoria e Crítica literária. Pós Doutor em Performances Culturais. Professor Associado I de Filosofia da Educação na Universidade de Brasília (Campos de Planaltina). Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB, na Linha de Pesquisa “Representação na Literatura Contemporânea”. Doutor pela UFRGS. Mestre e Graduado pela UFSC.

*Recebido em 30/05/2023.*

*Aceito 30/06/2023.*